

A Folha de S. Paulo e o PT

FRANCISCO CÉSAR PINTO DA FONSECA
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

MELO, Carlos Alberto Furta-
do de. *Imprensa e Democracia: a
transformação da Folha de S. Paulo
e a criação do Partido dos Trabalha-
dores*. São Paulo: Pontifícia Univer-
sidade Católica de São Paulo, 1996.
222p. (Dissertação de Mestrado em
Ciências Sociais, PUC-SP).

A teoria de que a mídia ma-
nipula a sociedade deve ser discuti-
da em profundidade. Mediações em
torno desta "meia" verdade são im-
prescindíveis. É verdade que os jor-
nais são empresas voltadas para
objetivos comerciais e, nesse senti-
do, não diferem de qualquer outra
empresa, no sistema capitalista. No
entanto, ao lidarem com uma mer-
cadoria especial — a informação —
buscam atrair um público especifi-
co e diferenciado. Como não é pos-
sível atingir a todos indistintamente,
segmentam o mercado e definem
seu estilo a partir das características
políticas e culturais de seu leitor.
Procuram, evidentemente, influen-
ciar e mesmo controlar parte do pro-
cesso social por meio da formação
de opinião. Mas, em verdade, não
conseguem controlar plenamente o
resultado desse processo, pois tam-
bém são influenciados e regulados
pelo interesse desse público.
Interagem, obrigatoriamente. O re-
sultado dessa relação é naturalmen-
te condicionado a uma série de ele-
mentos que se desenvolvem de um
modo conflituoso e disforme. As
opções políticas podem se subordi-

nar aos objetivos comerciais, mas
estes não deixam de ser frutos de
escolhas (por que não apostas) po-
líticas.

A transformação política e
econômica do Brasil a partir do gol-
pe militar, em 1964, fez emergir, já
no final da década de 60 e durante
os anos 70, uma nova sociedade,
com maior possibilidade de consu-
mo e mais ávida por informação.
Massificou-se o mercado publicitá-
rio e popularizou-se o ensino supe-
rior. Os costumes se transformam e,
com eles, a procura por novos bens
(tanto de consumo, quanto cultu-
rais). Os jornais (e os meios de co-
municação em geral) souberam ti-
rar proveito do momento histórico,
mas ao mesmo tempo foram condi-
cionados e transformados por ele.

A situação política definia
"gargalos" por onde a nova socie-
dade tentava transpor os limites do
conservadorismo e do autoritarismo.
Viveu-se um momento de transição
sem se saber ao certo para onde.
Uma encruzilhada que tanto pode-
ria dar na abertura — "lenta, gradual
e segura" — dos militares, conheci-
dos como o grupo da Sorbone,
quanto num retrocesso que compre-
enderia o endurecimento ainda mai-
or do regime e na ampliação dos
poderes da chamada linha-dura. Em
segundo plano — com possibilida-
des reduzidas de êxito — tentava-
se extrapolar os limites desta polari-
dade e avançar na direção de um
novo sistema, idealizado pelos agru-

pamentos da esquerda revolucionária, ou na democratização por meio da afirmação dos movimentos da emergente sociedade civil.

Em todos os organismos (e micro organismos) viveu-se essa tensão. A imprensa – jornais e jornalistas – fez as suas apostas. Uns apostaram suas fichas naqueles em que mais acreditavam; outros fizeram suas apostas, dentro do possível, em todos os agentes dessa disputa, de modo a não perder de forma alguma. Foi o caso da empresa Folha da Manhã S/A. A empresa viveu sua dualidade particular editando jornais tão distintos como a *Folha da Tarde* e a *Folha de S. Paulo*, tendo feito sua maior aposta (ao longo do processo) neste último. Acertou em cheio. A *Folha de S. Paulo* tornou-se o símbolo de uma época, quer seja pela imagem externa que consolidou ao longo dos anos da transição, quer seja pela variedade de atores políticos e pelos conflitos que se desenvolveram internamente.

Esta dissertação de Carlos Alberto Furtado de Melo busca, principalmente, resgatar este momento. Em segundo lugar, procura fazer um acerto de contas entre a *Folha* e um de seus principais antagonistas, na atualidade, e, sintomaticamente, aliado no passado: o Partido dos Trabalhadores. Pode-se dizer que as editorias do jornal foram um dos vários úteros onde foi gerado o PT. Militantes de esquerda ocupavam

cargos de editores como um prolongamento da atividade política. Editores, ao seu modo, articulavam-se no emaranhado de interesses e facções políticas à esquerda e à direita.

Rotular a imprensa como burguesa é algo tão vago quanto desnecessário, por óbvio que seja. O importante é notar que o processo político pode propiciar alianças, num contexto que, *invariavelmente*, é contraditório. Desse modo, foi possível a um jornal da chamada “grande imprensa” contribuir, dentro de limites muito claros (como subproduto dos seus conflitos internos), para a realização da idéia de um partido político ligado às bases dos movimentos populares, arredio a qualquer acordo com as elites que tivesse como pressuposto a exclusão dessas bases, tal como foi idealizado o Partido dos Trabalhadores.

A *Folha de S. Paulo* daquela época – final dos anos 70/primeira metade dos 80 – é o caso exemplar. Foi síntese de múltiplos interesses e atores políticos e sociais: proprietários, jornalistas, militares e políticos. O trabalho dá ênfase à análise da dinâmica interna do jornal, à política editorial e ao momento histórico. Busca encontrar os vínculos entre a FSP e o PT. Procura demonstrar, como disse no passado o professor Fernando Henrique Cardoso, que “o conflito é o nervo da política”.

A literatura na visão dos jornalistas

ANA ARRUDA CALLADO

(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O Livro no Jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998. 163p. (Tese de Doutorado, Instituto de Letras da UERJ)

A tese de doutoramento de Isabel Siqueira Travancas é um belo exemplo da vantagem dos estudos interdisciplinares para a compreensão dos fatos culturais. A trajetória anterior da recém-doutora, aliás, já mostra claramente que esta escolha não foi aleatória, mas fruto de antiga determinação. Isabel Travancas graduou-se em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e fez Mestrado em Antropologia Urbana, no Museu Nacional/UFRJ.

Sua dissertação para obtenção do grau de Mestre foi publicada em 1993 pela editora Summus. *O Mundo dos Jornalistas*, como se intitula o livro, é uma análise antropológica do jornalismo como profissão e do mundo particular em que vivem os jornalistas. Ouso dizer que, ao fazer seu estudo, com numerosas e minuciosas entrevistas, Isabel, embora também jornalista, conseguiu um distanciamento que deu ao livro um tom bem próximo dos relatos de, por exemplo, Margaret Mead a respeito dos habitantes de Samoa. É sério e curiosíssimo.

O Doutorado em Literatura Comparada é uma continuação bem lógica da viagem intelectual de Isabel Travancas. E sua determinação pessoal na escolha e na persistência do caminho se reflete também na profundidade da pesquisa empreendida agora. Durante cinco anos a doutoranda se debruçou sobre suplementos literários brasileiros e franceses, e não só os escolhidos para análise aprofundada, que foram *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, *Mais!*, da *Folha de S. Paulo*, *Le Monde des Livres*, de *Le Monde*, e *Les Livres*, do *Libération*. Foi até os que se acredita serem os primeiros: o *Journal des Savants*, de 1665, fundado por Colbert, na França, e o *Folhetim*, do *Jornal do Commercio*, no Brasil, de 1838, traçando sua história, tentando identificar as marcas de semelhança e de diferença na maneira com que os jornalistas brasileiros e franceses tratam de livros, escritores, literatura e mercado editorial.

A pesquisa nas páginas dos próprios suplementos foi a base para a série de entrevistas que resultou em um alentado volume anexo. Lendo, anotando, observando e indagando, Isabel Travancas tinha como roteiro quatro temas que selecionou como centrais: a defesa do livro e o papel do romance; o lugar dos escritores; a questão dos cânones; os eventos do mercado editorial. E a pergunta que ela se colocou no iní-

cio do trabalho - em que medida os suplementos são um retrato do campo editorial nos dois países ou são também o resultado de uma visão do mundo de seus editores? - percorre todo o texto da tese.

A epígrafe escolhida, tirada de Pierre Bourdieu, já dá uma pista da resposta. "Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem as coisas", diz o mestre, e é a crença da discípula. A segunda epígrafe, de Isaac Asimov, une a autora da tese aos jornalistas que estudou nesta etapa: "O livro pode ser um instrumento antigo, mas é também o mais avançado". O amor ao livro, que ela detectou nos profissionais que dele tratam nos jornais, é claramente compartilhado por Isabel. A bibliografia que acompanha seu trabalho, com 134 inserções, está toda lida, absorvida, utilizada na lugar e com o sentido certo.

Esta última observação pode parecer estranha a alguns menos habituados a ler trabalhos acadêmicos. Uma obviedade, pensariam. Se o livro é citado, ele foi lido, é conhecido de quem o cita. Posso garantir que não. As extensas biografias muitas vezes refletem apenas leituras de orelhas ou citações de professores em sala de aula. Aqui, o tempo todo sabe-se que não foi o caso. Em todo o trabalho há esse cuidado de explicar, documentar, historiar. Diria até que dessa insistência em ser exata, séria, que é sem dúvida muito positiva, se origina o

único aspecto da tese de Isabel Travancas que eu classificaria como defeito: embora demonstrando sobrejamente sua competência, ela não ousa muito. Ao acabar de ler, senti falta de opiniões pessoais, de vãos mais altos da autora. Não sei, porém, se aí não entra a mão tantas vezes castradora do orientador. Acontece.

Não quero encerrar esta rápida apreciação de um trabalho que vem enriquecer de maneira relevante a bibliografia tanto dos estudos de comunicação social como os de literatura, podendo, portanto, ser incluído na rubrica dos estudos culturais, sem citar o que considero o núcleo central de sua conclusão:

"Não afirmo que os quatro cadernos analisados sejam retratos fiéis do mercado editorial brasileiro ou francês. Eles são uma representação deste mercado, que é fruto de uma visão de mundo de quem os produz e participa deles. É basicamente a partir desse 'viés' que estes suplementos se constroem. Não considero que os cadernos sejam simplesmente o resultado dessas escolhas pessoais. Desejo enfatizar que eles, enquanto objetos jornalísticos, estão submetidos primeiramente à lógica do jornal e conseqüentemente ao imperativo da notícia. A partir deste crivo inicial, eles vão se construir como uma representação subjetiva do grupo de indivíduos que trabalha neles

A construção da matéria jornalística esportiva na TV

MÔNICA MACEDO
(Universidade Estadual de Campinas)

CAMARGO, Vera Regina Toledo. O telejornalismo esportivo e o esporte espetáculo. *São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998. 245p. (Tese de Doutorado, UMESP)*

Entre o atleta e o telespectador existe uma relação frequentemente permeada pela mídia, alterando o papel social tradicionalmente atribuído ao esporte e influenciando diretamente no imaginário popular. Em *O telejornalismo esportivo e o esporte espetáculo*, Vera Camargo procura compreender os meandros do processo de construção da matéria jornalística esportiva transmitida pela televisão e apresenta um panorama original do universo do esporte, indo além do que se vê no espetáculo do futebol, nas competições esportivas, nas transmissões televisivas dos jogos.

Camargo toma como amostra do esporte na televisão brasileira a programação de uma semana (de 15 a 20 dezembro de 1997) nas duas emissoras comerciais de maior audiência na área esportiva: Rede Bandeirantes, com os programas Esporte Total Regional e Esporte Total, e Rede Globo, com o programa Globo Esporte, perfazendo 16 transmissões. A partir dessa seleção, faz uma pesquisa comparativa analisando aspectos como pauta, tempo de duração dos programas, gêneros, recursos técnicos, linguagem de jor-

nalistas (entrevistadores), atletas (entrevistados) e outros.

A pesquisa focaliza os aspectos jornalísticos dos programas esportivos das emissoras selecionadas, excluindo, a partir da análise da grade da programação, categorias como entretenimento, propaganda ou programas educacionais que envolvem o esporte. Uma contribuição valiosa da tese é o esforço de construir uma análise verdadeiramente interdisciplinar, enfatizado, a todo instante, a relação das duas áreas que compõem a Comunicação Esportiva: as Ciências da Comunicação, e a Educação Física.

Inicialmente, o trabalho apresenta aspectos conceituais, históricos e filosóficos que permeiam estas duas áreas do conhecimento e faz uma caracterização do campo da Comunicação Esportiva, mostrando como ele explica o fenômeno do esporte na mídia. Posteriormente, em um capítulo que resgata a história da programação esportiva nos meios de comunicação de massa, Camargo situa o leitor na passagem da mensagem esportiva do rádio para a televisão. Apontando elementos pitorescos, característicos de uma história de tentativas, erros e acertos nas transmissões esportivas, analisa como a mídia, em particular a televisão, influencia o esporte e vice-versa.

Camargo enfatiza a subordi-

nação dos conteúdos das mensagens esportivas a interesses mercadológicos e institucionais das empresas jornalísticas. Adverte, contudo, que a batalha pela audiência, levando as TVs à fórmula "oferecer ao público o que ele quer", deve ter limites, sob pena de poder se voltar contra a própria emissora. O espetáculo sem cobertura jornalística competente não é garantia de manutenção da audiência. Exige-se do jornalista esportivo maior grau de especialização e conhecimento das ciências do esporte, em função de telespectadores cada vez mais críticos, seletivos e exigentes. Nesse sentido, a autora aponta a importância da existência de uma assessoria de professores de Educação Física, uma vez que estes podem contribuir, fornecendo elementos (referenciais próprios da área de esportes) para que os jornalistas possam redigir suas matérias com maior conhecimento do conteúdo técnico.

A imbricação entre esporte e espetáculo, segundo Camargo, se dá pelo enfoque da competição. O esporte é um importante fenômeno social de massa e a competição é um espetáculo para entreter a massa, sendo o ídolo um dos componentes mais importantes desse processo. Muitos deles, defende, são realmente "fabricados" pela mídia e para se sustentar precisam estar permanentemente em evidência. O esporte "midiático" como fábrica de ídolos assemelha-se a outras formas de espetáculo como o cinema e a música, que também empregam recursos para divulgar e vender as imagens de seus astros, transformando-se em indústria de entretenimento.

206

O esporte, que antigamente presumia outro tipo de participação social, constitui-se hoje em um elemento fundamental da comunicação de massa e signo da sociedade moderna. Os atletas ficam à mercê de uma competição desigual, incentivada pela mídia, muitas vezes com desrespeito às regras do jogo.

Como bem salienta a autora, o sistema comunicativo audiovisual da década de 90, com seu enorme potencial tecnológico e econômico, transformou o esporte em função de suas necessidades. Como exemplo, o futebol, onde a mídia interfere modificando as regras e os horários das partidas para não prejudicar sua grade de programação e audiência. Por outro lado, o esporte passa também a ser indissociável da televisão. Não resta dúvida, segundo Camargo, de que existe hoje uma simbiose entre ambos, já abordada por muitos autores nacionais e estrangeiros. As emissoras de televisão investem maciçamente na programação esportiva, atraindo grandes investimentos e cotas dos patrocinadores e anunciantes. Ao mesmo tempo, criam torneios artificiais e incentivam novas competições, fora do calendário oficial, justamente para alimentar o mercado do esporte, assim como para manter as expectativas dos telespectadores e dos anunciantes.

O telejornalismo esportivo e o esporte espetáculo *apresenta-nos, enfim, um questionamento sobre a função social do esporte e sobre seu futuro diante da presença da mídia. Identifica os mecanismos da relação entre ambos os campos e procura analisar os impactos decorrentes das ações da mídia, através do jornalismo e da publicidade, no esporte,*

incutindo-lhe valores diferentes daqueles idealizados pelo movimento olímpico. O esporte saiu do amadorismo e do improvisado para a profissionalização.

O trabalho de Camargo apresenta elementos relevantes para a compreensão das transformações do esporte mediado pelos meios de comunicação de massa. Pouco restou do tempo em que o faturamento dos clubes vinha principalmente do talento do jogador, através de sua capacidade de atrair torcedores aos estádios. Hoje, os clubes faturam muito mais com a venda da partida a uma emissora de televisão do que com a venda direta de ingressos. Dessa forma, a compra do direito de transmissão dos jogos e disputas

pelas emissoras está mercantilizando cada vez mais o esporte. E além dela, a presença do marketing nos eventos esportivos.

Torna-se, portanto, necessário repensar as relações entre esporte e mídia, o que a tese de Camargo faz com objetividade e ousadia. Pode-se dizer que é um trabalho pioneiro, se considerarmos que o campo de estudos da Comunicação Esportiva deu ainda poucos passos para se estabelecer no Brasil. Nesse sentido, a tese tem o mérito de discutir, de forma esclarecedora, a relação do esporte com a mídia e de incentivar a postura crítica por parte dos profissionais das áreas de Educação Física e Jornalismo.

A revista *Globo Rural* e o imaginário do leitor

Telma Domingues da Silva
(Universidade Estadual de Campinas)

DASSIE, César. *Eu, Jornalista Rural*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998. 210p. (Dissertação de mestrado, UMEP).

Eu, jornalista rural, de César Dassie, é uma análise interessante da revista *Globo Rural*, da editora Globo. Em meio aos trabalhos na área, destaca-se pelo seu esforço no sentido de tratar a questão do jornalismo através de uma abordagem lingüístico-discursiva. Na área da Comunicação não é uma abordagem usual, predominando trabalhos quantitativos e de análise de conteúdo ou textual.

Esta opção de trabalho se

coloca dentro de uma perspectiva histórica. E, desse modo, são levados em conta na análise, ao mesmo tempo, o contexto abrangente – as relações de significação dadas pelo processo de urbanização ocorrido no país – e o contexto específico – o sucesso do programa de televisão *Globo Rural* e as queixas do público por não poder retornar às matérias depois destas serem exibidas (a revista *Globo Rural* surgiu após o programa televisivo de mesmo nome).

As reportagens da revista *Globo Rural* são então classificadas pelo autor em duas categorias, denominadas *científico-tecnológicas* e *folclórico-culturais*. Essa é uma divi-

são que reflete a identidade de um Brasil pós-urbanização e modernização.

Nas décadas de 50, 60 e 70, identificar o país a um projeto político-tecnológico desenvolvimentista implicava, muitas vezes, em associar o modo de vida rural a elementos significantes de um "atraso" (o desconhecimento das melhorias na saúde, ou mesmo das medidas de higiene etc.). E, assim, por contraposição, o "progresso" desejado, era associado, entre outros, à urbanização e à industrialização. Hoje, em um momento posterior àquele, identifica-se o país à realização de um *certo* progresso, focalizando um Brasil que, como consequência do desenvolvimento, corre o risco de "perder" uma série de elementos que o identificam natural e culturalmente, justamente diante dos efeitos dessa industrialização e urbanização.

As páginas da revista *Globo Rural*, conforme a análise feita por Dassie, respondem a esse imaginário: a divisão das reportagens em científico-tecnológicas e folclórico-culturais situam para o leitor a possibilidade de uma *certa convivência* entre o interesse pela "inovação tecnológica" e a conservação das "tradições culturais" representativas da vida rural. Convivência que encontramos representada no seguinte trecho:

"Sabem [Tonico e Tinoco] que luz elétrica é melhor que lamparina e que penicilina é mais eficiente do que reza para curar doenças do corpo. Moda de viola, contudo, tem que ser daquele mesmo jeito..." (matéria "Meio século de estrada", citada na p.155).

Esse é o imaginário que compõe o perfil de leitor em jogo nessa publicação, perfil que se confronta, primeiramente, à diversidade da população (que pode ser) compreendida como rural, ou que tem interesse em assuntos relativos ao campo, que confronta, por consequência, a própria diversidade de um suposto leitor empírico para uma publicação como essa. Veja como Dassie enumera as possibilidades de um sujeito tal, fazendo uma imagem do universo dessa população/ leitor:

"É que no campo há o homem boiadeiro, que vive em terras longínquas cuidando do seu 'gadinho'; há o homem bóia-fria, que vive nas periferias das pequenas cidades e é mão-de-obra rural; há o homem empregado, que mora na propriedade rural e lá mesmo faz os seus serviços; há o homem produtor, proprietário de uma pequena quantidade de terra e que tira o seu sustento desses hectares; há o homem tecnologicamente evoluído, que coloca em sua propriedade os mais modernos equipamentos de preparação da terra, plantio, colheita; e, por fim, não se pode esquecer do homem urbano..." (p.25).

"... o leitor [que] saiu da zona rural e foi morar na cidade; o leitor que não possui qualquer pedaço de terra para plantar ou criar animais; o leitor que possui uma chácara de final de semana; o leitor proprietário de grandes, médias e pequenas propriedades rurais; o leitor agrônomo, veterinário ou engenheiro florestal..." (p.133).

Tendo em vista a dicotomia apontada, entre as matérias científico-tecnológicas e as matérias folclórico-culturais, César Dassie analisa nas reportagens aspectos

lingüísticos, tais como marcas enunciativas, e aspectos jornalísticos, tais como o caráter das chamadas fontes. São absolutamente diversos os modos como as fontes são tratadas nas matérias científico-tecnológicas e nas folclórico-culturais. Enquanto nas primeiras as fontes são introduzidas mais formalmente, com uma indicação da sua profissão e um nome completo, nas segundas são introduzidas com expressões que marcam uma intimidade ("seu Zé", por exemplo).

As matérias folclórico-culturais contam ainda com uma grande valorização da descrição, além do "envolvimento" do jornalista no que está sendo dito, pois encontramos no texto as marcas da primeira pessoa do discurso. Esse é então um texto que se aproxima da narrativa literária, afastando-se da objetividade pretendida para o texto jornalístico, como o lead, por exemplo.

Mas o mais interessante, nesta análise, é, enfim, uma confluência observada entre estas duas categorias, que esperaríamos fossem se colocar sempre em oposição: mesmo as matérias científico-tecnológicas não fogem a um determinado efeito discursivo, que é mais aparente nas matérias folclórico-cul-

turais. Esse efeito é denominado neste trabalho de *personificação*. Daí, inclusive, o título: *Eu, jornalista rural*.

Nas reportagens da revista *Globo Rural* podemos dizer que uma dimensão heróica é dada tanto ao homem (aquele "do campo", mas às vezes ao repórter também, que pega então uma carona na aventura da vida rural através da reportagem...) quanto ao próprio campo, ou à natureza, seja como paisagem, seja como vida:

"Despido de matas, agredido por cidades, poluído por indústrias e lavouras, ele ainda respira. E celebra a vida." (matéria "Mogi, o resistente", citada nas p.198-9).

O público leitor que, segundo o texto da própria revista, em sua edição comemorativa de 10 anos de publicação é "convidado a estender seu olhar para o Brasil que existe *além da fronteira urbana*", encontrará, pois, homem, natureza e cultura resistentes, heróicos, aos efeitos nocivos do urbano. Há sim, de qualquer modo, a imagem de uma *fronteira* funcionando. Ainda bem que nem sempre nítida, pois o que parece evidente está longe de ser.

Convergências entre Ciência da Informação e atividade editorial

KÁTIA DE CARVALHO

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ODDONE, Nanci Elizabeth. *Atividade editorial & Ciência de Informação: convergência epistemológica*. Brasília, Universidade de

Brasília, 1998. 254p. il. (Dissertação de Mestrado, UnB)

Nanci Oddone define o seu trabalho de dissertação como a bus-

ca de tendências convergentes, na esfera epistemológica, entre os conjuntos de saberes que presidem a atividade editorial e o quadro conceitual que fundamenta a disciplina Ciência da Informação. Em seu estudo a autora organizou o texto em três blocos: a metodologia; a construção do "corpus" teórico; o campo epistemológico da Ciência da Informação.

A pesquisa proposta é pertinente e atual. Prioriza a necessidade de definir a área de Ciência da Informação e busca, incessantemente, as suas fronteiras. Para atingir os seus objetivos, revisita outras áreas das ciências sociais, procurando a convergência entre Ciência da Informação e atividade editorial citando algumas tendências pontuais, explorando interdisciplinaridade como característica de grande relevância.

Revisita a literatura estruturante dessa convergência e se detém nos últimos dez anos pesquisando os periódicos brasileiros para constatar a idéia de convergência entre Ciência da Informação e atividade editorial. Resgata a importância da imprensa como relevante e responsável pelas significativas mudanças no ocidente, defende a tendência de destacar o contexto, marcado pelas grandes transformações. A imprensa teve um papel relevante na formação das religiões no ocidente, na difusão da ciência moderna, tendo atingido o seu apogeu com as idéias iluministas voltadas para a valorização do homem, do seu espírito.

Ao tentar argumentar sobre a importância do seu objeto de dissertação, a autora demonstra preocupação com o que ela mesma denomina de vazio epistemológico da Ciência da Informação, mas acena

para a possibilidade dessa área estar cada vez mais próxima da comunicação. Admite, acertadamente, que é preciso buscar, nas ciências sociais, mais elementos para fortalecer a fundamentação da Ciência da Informação. Os campos da psicologia, da administração, contribuem para o aprofundamento da Ciência da Informação, entendendo o papel de informação como elemento transformador.

Considerando a pertinência da comunicação, da imprensa escrita, conseqüentemente compreende-se a atividade editorial como agente de mudanças. A autora dará prosseguimento à sua pesquisa ampliando os seus limites para que possam reforçar o campo de Ciência da Informação. Por meio do documento, da palavra escrita, não importa em que suporte esteja grafado, podem ser aprofundadas as questões da informação como agente de transformação social.

Entretanto, a Ciência da Informação não deve restringir o seu espaço epistemológico a uma determinada atividade profissional ou institucional. Deve, enfatiza a autora, abranger um conjunto de atividades especialistas, organizações, tecnologias, produtos, linguagens que giram em torno da informação. A aceleração provocada pela revolução tecnológica diversificou os suportes e as categorias de registro documental. Surge a necessidade de sistematização, de revisão histórica que levam à sua legitimação.

O trabalho reúne uma bibliografia expressiva sobre os caminhos trilhados pela autora para explorar o espaço de convergência entre a atividade editorial e a Ciência da Informação. Um mapeamento da epistemologia da Ciência da Infor-

mação no Brasil, oferece a produção científica especificamente voltada para o exercício da reflexão epistemológica sobre a disciplina, reunida e organizada, cronologicamente por data de publicação dos periódicos. Além disto, a seleção dos autores mais identificados com o reflexo epistemológico e citações de trabalhos que aparecem com maior frequência, por ano. Considerando a Ciência da Informação enquanto disciplina científica, a autora procura respaldo em propostas teóricas originadas na sociologia da ciência que concebe a atividade científica centrada no documento materializando os atos comunicativos e chegando a conclusão que se a atividade editorial não existiria o documento, importante para a materialidade dos processos de produção de conhecimentos e como consequência imprescindíveis à identidade e à legitimidade da Ciência da Informação como disciplina científica.

O trabalho é instigante e revela o rigor da autora no aprofundamento das questões conceituais. Quanto a abordagem metodológica, está explícito o desejo de utilizar meios mais adequados para atingir os objetivos do trabalho e como afirma, está inserido na ca-

tegoria de estudo exploratório. A apresentação do trabalho reafirma a intimidade da autora com a atividade editorial. Salvo algumas exigências formais do modelo de dissertação, as notas bibliográficas estão citadas com rigor e o texto é apresentado de forma leve permitindo realizar a leitura de forma agradável.

O esforço para delimitar os limites da pesquisa é o que se deseja como um trabalho acadêmico onde, a pesquisa, o debate, a discussão levam a construção de novos conhecimentos. A dissertação reflete a intenção de contextualizar, ambientar o tema sem dissociar o objeto de estudo do meio cultural. Ao contrário, a presença do interlocutor que exerceu a orientação de modo seguro e competente é notada e conduziu a autora para a construção de seu objeto de forma cuidadosa e competente.

A estratégia de investigar a epistemologia da Ciência da Informação pode resultar em novas perspectivas temáticas de pesquisa e a atividade editorial pode ser vista como geradora de produtos e por si só, de sentido.

Ideologia da imprensa liberal

REGINALDO CARMELLO CORRÊA DE MORAES
(Universidade Estadual de Campinas)

FONSECA, Francisco César Pinto da. *A imprensa liberal na transição democrática (1984-1987): projeto político e estratégias de convencimento (revista Visão e jornal*

O Estado de S. Paulo). 2. v. Campinas: Universidade de Campinas, 1994. 410p. (Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Unicamp)

Os dois volumes desta dissertação estudam o projeto político de um determinado segmento do liberalismo brasileiro: a imprensa paulista que se define como tal. Dando nome aos sujeitos: a revista *Visão* e o jornal *O Estado de S. Paulo* – aparelhos privados que se voltam, aguerridamente, para a difusão e a defesa dos valores liberais. A cena é composta pela chamada transição democrática, o curto período (1984-1987) em que se reordenam as instituições e relações sociais, depois de vinte anos de contenção e censura promovidos pelo regime militar. A pesquisa empírica que sustenta o exame de Francisco C.P. Fonseca – e municia sua meticulosa e precisa montagem das notas documentais – exigiu o acompanhamento das edições semanais da revista e das edições diárias do jornal, nesse período.

É um estudo de ideologia: aparecem descritos e analisados os diagnósticos e soluções que tais órgãos de imprensa elaboram frente a um momento de desafio, um momento em que o confronto ideológico é decisivo.

A “transição” é, desse modo, tomada como situação especial, reveladora. Nela se pode detectar a elaboração de uma agenda política. Nela se pode identificar o caráter dos personagens, pelo seu posicionamento diante de temas de vida e morte e, ainda, em confronto e/ou conluio com outros agentes.

O estudo examina os argumentos e imagens forjados pelas duas publicações diante de sete temas cruciais dessa agenda: 1. a campanha pelas eleições diretas para a presidência da República; 2. a questão social (os programas de atenuação da miséria e reforma agrária); 3. o “entulho autoritário”, arcabouço

jurídico-político do regime militar “herdado” pela Nova República; 4. a tutela militar sobre o regime civil recém-constituído; 5. os novos personagens, o “outro” dos liberais – o PT e a CUT; 6. o Plano Cruzado e a intervenção do Estado no domínio econômico; 7. a forma da Constituinte.

Através das posições diante dessa agenda, é o discurso da imprensa liberal que se desconstrói ou reconstrói. Estrutura e lógica do seu pensamento, recursos retóricos e argumentativos, conceitos, idéias e imagens revelam suas tradições, pressupostos e projeções. Em outras palavras, permitem visualizar um “projeto político”.

Note-se que não se trata de uma análise da transição, da conjuntura política, de seus limites e potenciais. O alvo é precisamente definido: o projeto dos liberais frente aos temas colocados nessa agenda da transição.

Ao fim e ao cabo, temos retratado este perfil. O título revela sua precisão: deslinda-se o projeto político desses aparelhos liberais, mas, simultaneamente, desvelam-se diferentes estratégias de convencimento – panfletária no caso da *Visão*; negociadora e “realista” no caso do *Estadão*. Impossível não lembrar de um certo paralelo: o tema weberiano das éticas da convicção e da responsabilidade. Mas é também impossível não suspeitar que sob tal diferenciação repousa uma (não deliberada) divisão de trabalho na conquista das mentes e dos corações dos leitores. Fundamentalistas e negociadores completam-se e combinam-se.

Uma escolha de procedimento da dissertação, ainda que bem justificada, chama a atenção para um

limite nesse tipo de estudo. No caso da revista *Visão*, não foram examinados os editoriais, por uma razão em si mesma reveladora: não havia editoriais, o tom geral da revista era, em cada linha das reportagens, um tom de editorial, sentencioso e definitivo. No caso do *Estadão*, o autor fixou-se, até pela dimensão do material, nos editoriais. Contudo, e esta é uma limitação de tal abordagem, o *Estadão*, como outros grandes jornais, utiliza-se da conhecida estratégia das reportagens exemplares, as "mini-séries" temáticas, verdadeiras parábolas das quais pretende, em certo momento, extrair a "moral da história". Com alguma frequência, inclusive, os editorialistas marcham

ao som e ao ritmo de tais reportagens, que às vezes colorem, qual marca d'água, o cinza das "Notas e informações" da famosa terceira página do sisudo periódico. Um jornal, como um partido ou um "think-tank", como se sabe, constrói a si mesmo através de "campanhas". E portanto o exame dessas séries parece ser um bom roteiro. De qualquer modo, contudo, teríamos o direito de exigir desta tese de mestrado que abrisse ainda mais essa frente de batalha, ainda que extremamente promissora? Parece mais plausível apontar esse fato menos como uma lacuna, mais como um novo investimento, apenas possível porque os anteriores foram bem sucedidos.

Livro de mercado, livro de arte, livro artesanal

SAMIRA YOUSSEF CAMPEDELLI
(Universidade de São Paulo)

CRENI, Gisela. *Os artesãos do livro como uma alternativa no mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. 120p. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP)

- I -

No Brasil, a expansão da leitura se situa como um fato correlato à consideração do livro como um produto necessário. Para que essa situação tenha abrangência, o livro deve responder às necessidades objetivas do leitor, de tal modo que seja um vínculo efetivo da vida cultural, um veículo dinâmico, moderno.

A preocupação com a leitura origina-se na emissão: só poderá ser lido o que for legível. Ou melhor, a

experiência comunicativa somente se completará se a mensagem contiver ingredientes simbólicos e culturais capazes de suscitar a atenção do receptor potencial e conduzi-lo à sua compreensão e apreensão.

Cabe considerar o público leitor, situado, grosso modo, a partir dos anos 60 – um público que compra poucos livros, que vem excluindo o livro de seu cotidiano. Após sofridos anos de descaracterização cultural, em face da política de massificação da ditadura militar (1964-1979), há uma grande procura de identidade da parte do leitor, em nível individual ou de grupo. É um público jovem, carente em termos reais. Formado dentro da agilidade dos meios de comunicação de massa, esse público já não

aceita os pesados manuais antigos, tampouco a linguagem acadêmica.

Com a competição e o acirramento da crise econômica, ele é imediatista, em termos individuais e sociais. Ele pede informação para suprir de forma objetiva e concisa suas carências urgentes. Por isso, é um público diferente daquele que os atuais autores de obras, criadores ou redatores conheciam em sua juventude. As expectativas diante do livro são outras e exigem novas formas de comunicação escrita.

- II -

Essa argumentação introdutória quer desembocar na importância da dissertação de mestrado de Gisela Creni, *Os artesãos do livro como uma alternativa no mercado editorial brasileiro*. Trata-se de trabalho de oportuníssimo enfoque. Uma iniciativa, entre nós, ainda carente de estudos sistemáticos, no que tange às *edições excluídas* do mercado editorial, vale dizer, edições que pouco se enquadram num perfil de livro instrumental e/ou do perfil do leitor-consumidor de após anos 60, cujo perfil foi mais ou menos delineado acima; um leitor que se preocupa muito mais com a leitura imediatista – aquela leitura que serve – o mais das vezes – de informação, pouco reflexiva, e daí, pouco formativa.

Gisela Creni enfoca o livro alternativo – permitindo a hipótese de que o leitor-consumidor da obra excluída (ou distante do padrão de mercado) seja, por sua vez, cognominado de *leitor alternativo*.

Partindo do conceito de livro impresso e enfocando pesquisas desenvolvidas principalmente pelos historiadores da Escola de *Annales*, principalmente na área de História

social e cultural da comunicação impressa, Creni chega à conclusão de que “um campo pouco estudado na área de editoração são os editores artesanais”. Nesse sentido, propõe-se delimitar a longa tradição de editores artesanais brasileiros, iniciada na década de 50 e viva até os dias de hoje.

Nesse escopo, a autora mapeia a trajetória de alguns editores estabelecidos, a partir da década de 30, nos centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre: Manuel Segalá (Philobiblion), João Cabral de Melo Neto (O livro Inconsútil), Geir Campos e Thiago de Melo (Edições Hipocampo), Gastão de Holanda (O Gráfico Amador, Mini Graf e Editora Fontana), Pedro Moacir Maia (Edição Dinamene) e Cleber Teixeira (Editora Noa Noa).

A dissertante caracteriza a artesanaria do livro como aquela que apresenta tiragens limitadas; imprime ainda em tipografias; utiliza papéis especiais e, enfim, se distancia do *modus operandi* das editoras comerciais, principalmente porque o artesão não conta nem com grande capital, nem com aparato de mão de obra. A um só tempo, o editor artesão edita, prepara, emenda, imprime. Em outras palavras, o livro artesanal é inteiramente concebido e idealizado pelo editor.

Gisela Creni registra como curiosidade o fato de que esses pequenos editores dedicam-se a editar poesia – um gênero quase completamente esquecido pelas editoras comerciais, já que o livro de poesia “não vende, não dá lucro”.

É o arrojo dos pequenos editores que mais impressiona: eles alteram, com suas edições muito cuidadas e artisticamente apresen-

tadas, a editoração comum e produzem para um público *fiel*, leitor de poesia. Dessa forma grandes poetas estrearam e se inscreveram como alguns dos nomes mais importantes da literatura brasileira, como João Cabral de Melo Neto, Thiago de Melo, Geir Campos, Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Sebastião Uchoa Leite, Augusto de Campos, entre outros.

Uma fatia do trabalho de Gisela Creni é dedicada à análise contrastiva entre o livro de mercado (grande tiragem, para o grande público) e o livro de arte (tiragem mais restrita, edição luxuosa). Esse enfoque parte da etapa de industrialização do livro e sua conseqüente padronização e uma exigência – no final do século XIX – de um retorno ao artesanato (não apenas no que tange à tipografia, mas em todas as artes).

A ausência de uma bibliografia específica sobre os editores escolhidos levou a pesquisadora a basear-se em artigos de jornais e, principalmente, em entrevistas, ou seja, depoimentos dos próprios editores – fontes orais. Essa metodologia de pesquisa – a fonte oral, muito aceita como registro histórico, já que é tão antiga quanto a própria história –, suscitou um trabalho saboroso, de leitura agradabilíssima, além de muito útil para o conhecimento e história da editoração brasileira.

Boa fatia do trabalho de análise debruça-se aos volumes editados pelas editoras alternativas mencionadas no início desta resenha. A Philobiblion abre a seção. O artista gráfico, gravador, pintor e poeta espanhol Manuel Segalá foi o seu iniciador, em 1955, com a revista de poesia *A sereia* e uma cole-

ção de poetas publicada em parceria com a Editora Civilização Brasileira, que inclui García Lorca, T.S.Eliot, Maiakóvski, Lautréamont e a brasileira Cecília Meireles, todos ricamente ilustrados.

A Editora Inconsútil, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, é outra das enfocadas, imprimindo sempre em pala Guarro, de linho, com tiragens de cem a 150 exemplares, a partir de 1947 (Cabral publicou, além de seus próprios livros, antologias de Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes).

Na seqüência de sua dissertação, Creni analisa a produção das Edições Hipocampo (capitaneada pelos poetas Geir Campos e Thiago de Melo), cuja primeira edição foi o poema “A mesa”, de Carlos Drummond de Andrade. A Hipocampo produziu grande parte dos poetas e escritores do primeiro Modernismo, tais como: Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Henriqueta Lisboa.

A parte final do trabalho é destinada ao enfoque dos editores Gastão de Holanda (O Gráfico Amador, Mini Graf e Editora Fontana), Pedro Moacir Maia (Edição Dinamene) e Cleber Teixeira (Editora Noa Noa), sempre com depoimentos dos próprios sujeitos dos projetos, que respondem a um questionário padrão, anexo ao volume da dissertação.

A última destas – Noa Noa –, publica desde 1979 e alcança a década de 90, a apontar que esses verdadeiros (e heróicos) artesãos da palavra continuam, no entender de Gisela Creni, como uma verdadeira resistência, o seu papel de interventores culturais.

A sua opção em revista científica de Ciências da Comunicação



Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação - Intercom

Preço por exemplar: R\$ 50,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco B9 - Sala 2 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP